

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 21 DE JANEIRO DE 1877.

NUMERO 15

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

RESGATE

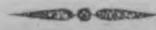
Eis-me livre, qual ave nos espaços!
Quebrei os élos da fatal cadeia!
Da velha taça, de amarguras cheia,
Restam sómente os humidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços,
Do contínuo pensar na mesma ideia;
E a morte, que na orgia entre nós ceia,
Já me estendia os carcomidos braços.

Andava como a trémula andorinha
Em tórno de maléfica serpente,
E nem vergonha das injurias tinha!

Mas do resgate a aurora resplendente
Raiára emfim. Adeus, senhora minha:
Surge da lama o trovador plangente.

JOÃO PENHA



O ANONYMO

No *Conimbricense* de 23 de Dezembro de 1876 —no folhetim do n.º 3068 relativo ao anno XXX— deu-nos o snr. Antonio Martins Leorne uma noticia curiosa do *Anonymo* —periodico lisbonense do seculo XVIII, de poucos biblióphilos visto de certo.

Não é completa a individuação bibliographica do indefesso averiguador portuense: —embora lhe não desquadre a qualificação de *larga noticia*, com que a encomia com rasão o snr. Martins de Carvalho —averiguador não menos indefesso da cidade de Coimbra.— O seu a seu dono.

E' certo no entanto, que não podia am-

pliar-se a mais o snr. Martins Leorne, em face dos *unicos oito numeros primeiros*, que a casualidade lhe levára ás mãos.—Falhavam-lhe subsidios para mais ampliações.

São plausiveis as inferencias do illustrado escriptor do Porto.—Não colhem no entanto—como *illacção bibliographica*—as presupposições do snr. Martins Leorne, em augurar findo o *Anonymo* no n.º 8 —fundando-se em só esses 8 numeros colleccionar o antigo possuidor da sua *miscellania*, d'envolta com outras publicações da mesma occasião.

Eis-aqui as proprias palavras do snr. Martins Leorne:

«Pelos 8 n.ºs publicados, não se póde «saber em qué dia e mez começou, nem «tam pouco, se terminou com o n.º 8:— «é porém de *suppor que não continuasse; por «quanto, achando-se estes 8 n.ºs encadernadas com mais 3 folhetos da epocha, é de «presumir, que o collector juntasse mais algum numero do jornal, se tivesse sido publicado.*

Não sei, se ao indefesso averiguador portuense—*apesar de tudo e contra tudo*—lhe terá por ventura acontecido como a mim, *não podendo colleccionar completas algumas publicações periodicas dos nossos dias.*—Antolha-se-me no entanto que sim.

«E serão porventura *illacções bibliographicas*, as que tirar alguém n'algum dia, como *completas, do estado incompleto* das nossas *collecções?* —De certo que não.

A estas reflexões, que não é mister alongar; adduzirei por ultimo o testemunho palpavel —o veredicto irretorquível—de não findar o *Anonymo* no n.º 8.

Quem folhear a minha collecção do *Anonymo*; achará que o n.º 13 de 1753 —findo

na pagina 104—foi o *ultimo numero* da publicação d'esse anno.

E' consagrado exclusivamente á *intelligencia d'uma inscripção antiga* — inscripção copiada antes no n.º 12, e achada em Lisboa entre outras, ao abrirem-se os alicerces d'uma reedificação perto da freguezia da Magdalena.

Occupa-se d'esta mesma inscripção, d'en volta com outras mais, o Padre D. Thomaz Caetano de Bem, na sua *Carta a um amigo dêrcã d'uns monumentos romanos, descobertos no sitio das Pedras-Negras*.

E' a inscripção consagrada ao *Questor Marco Varrão*, filho de *Lucio Varrão e Fulvia Elia*, e suicidado na idade de 33 annos, depois d'accusado injustamente no senado.

Acha-se na lauda ante-penultima da alludida *Carta*, e com referencia expressa ao nosso *Anonymo*, que teve duração jornalística mais longa.—Viveu ao menos um anno mais.

Publicou-se ainda no anno de 1754, com este rosto que transcrevemos :

«Quarta | collecçam | dos | papeis | anonymos | do anno de 1754. | LISBOA: | na officina de Pedro Ferreira, impressor da augus | tissima rainha nossa senhora. | Com todas as licenças necessarias, privilegio real.

Consagra-se exclusivamente a illucidações antiquarias, transcrevendo inscripções, e acompanhando-as de reflexões explicativas, realmente curiosas.

No n.º 15, por exemplo, expendem-se considerações sensatas á cerca da *sepultura definitiva* do arcebispo de Lisboa, D. João Affonso d'Azambuja, *fallecido em 1415 na cidade de Burgos, ao vir caminho de Roma para Portugal*.

Limite-me á citação d'esta occorrença, por ser a de maior momento no alludido numero, como attinente a um varão nosso —tres vezes enviado a Roma por el rei D. João I; nos seus começos conego em Evora e em Coimbra; prior em Monções no Entre Douro e Minho, e depois em Alcáçova de Santarem; donde passou a bispo do Algarve, do Porto, e de Coimbra; acabando em arcebispo de Lisboa, sendo feito cardeal em 3 de Julho de 1411.

Como não póde haver 4 sem 3, 2 e 1, basta esta circumstancia, para não olhar-se ainda —como *illação bibliologica*— a supposição do snr. Martins Leorne, em augurar como começada em 1753 a publicação do *Anonymo*.

Eis-aqui as proprias palavras do indefesso averiguador do Porto :

«No comêço do 1.º n.º, vem a declaração de ser este o *primeiro d'este anno de 1753*: —o que, á primeira vista, parece «querer indicar, que o *jornal já tinha sido publicado anteriormente*; mas inclino-me «a crêr, que *este é effectivamente o 1.º n.º d'esta publicação, ratificado com a declaração acima*.

Nem sempre são boas de justificar as *presupposições bibliologicas* entre nós, e mormente em relação a escriptos da ordem do *Anonymo*.—Destroem-nas mil vezes os factos.

Sirva d'exemplo, o que se deu com o nosso finado Innocencio Francisco da Silva —*indefesso como ninguém... e sem... dedouro de ninguém*— em relação a D. Timotheo dos Martyres, e ao Padre Alvito Buella.—Fallam-nos de sobra estes dois nomes.

Acceite-me o snr. Martins Leorne este óbolo bibliographico, acolhendo-o bondoso no seu *museu jornalístico*, para onde lh'o envia com franqueza cordial—desentranhado d'uma bibliotheca onde ficam outros—o seu admirador sincero

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

A CYNTHIA

—Elegia de Propercio—

Orpheo com sua lyra
De feiticceiras vozes
Os animaes ferozes
Domava sem pesar,
E aos rios caudalosos
Da Thracia viridente,
A rapida corrente
Fazia-lhes parar.

Amphion, d'egual sorte
Com brandas harmonias
Quebrava as penedias;
Celestial favor!
E as pedras por seu moto
Erguiam bem seguros
Os alterosos muros
De Thebas ao redor.

E tu, ó Polyphemo,
Tu viste docemente,
Ao pé do Etna ardente,
Os seus corceis parar

A dura Galateia,
Teu sonho e tua vida,
Só para embevecida,
Teus cantos escutar.

Assim, de que esse espanto,
Se as candidas donzellas
De Roma, doceis, bellas,
Me escutam com prazer,
Lá quando Baccho e A pollo,
A cada som que eu fira,
De louros minha lyra
Me vêm entretecer ?

Palacios não os tenho,
De marmore as arcadas,
Nem paredes douradas,
Que alvejem com marfins,
Nem grutas d'agoa pura,
Nem jardins vicejantes,
Que sejam semelhantes
D'Alcinous aos jardins.

Porém tenho das musas
A amavel companhia,
E todos á porfia
Meus versos querem ler,
E a musa do heroismo,
Que o verde loiro entrança,
Calliope, se cança
Por meus triumphos ver.

Ditosa aquella dama,
A quem, fiel amante,
Eu possa delyran'te
Meus versos dedicar!
Elles serão, meus versos,
A perduravel tela,
Que os attractivos d'ella
Ha-de perpetuar.

Do Egypto essas pyramides
Moles d'immense custo,
D'Olympia o templo augusto,
Que representa os ceos;
O tumulo faustoso
Em honra de Mausolo,
Hão-de apagar do solo
Do tempo os escarceos.

Sim, tudo o que ha de grande,
A chamma, e as tempestades,
E o açoute dos edades
Hão-de prostrar no chão;
Porém aquelle nome,
Que o genio torna ingente,
Brilhando eternamente
Os seculos verão.

Barca.

ALBERTO CRUZ.

EXTRACTOS D'UM LIVRO INEDITO

D'um livro manuscripto, onde encarniçado inimigo do marquez de Pombal, foi copiando e armazenando quanto em prosa e verso se escreveu clandestinamente contra o grande ministro de D. José, iremos dando aos leitores da *Borboleta*, alguns extractos curiosos.

Vê-se que grande numero dos vates do tempo, até ahí mudos, desencabrestaram brutalmente quando o viram desvalido, perseguido e desterrado.

Era natural, e sobretudo era prudente.

Até ao fatal eclipsamento do grande astro, o odio não resfolgava em sonetos nem rimances. O medo espalmara-lhes o estro, e virara-lhes em pôças de peçonha os impulsos da vingança. Nem a coragem d'uma glosa, desfechada contra o *tyranno plebeu*, o inimigo da religião e da nobreza! ? Nem isso.

Tremiam como varas verdes, diante dos crespos anneis da famosa cabelleira do marquez, como tremeriam diante das roscas d'uma enorme serpente. Ante a larga luneta, caixilho d'olho de cyclon, do marquez, sumia-se a inspiração dos pobres homêns na proporção do augmento dos respectivos corpos.

Esperaram calados até que chegou n'um dia o momento azado, facil, e commodo para a sua vingança ferozmente... metrica. Desencadearam-se então tempestades sonoras e não sonoras. Fizeram *steeples* sobre os lombos do folgado Pegaso, e d'outras alimarias poeticas. Tudo escouceou, em verso, á vontade. O leão estava na jaula preso e manietado: era a occasião propria para escarnecerem da fera; e escarneceram vilmente, e escreveram tolices espantosas. A gente fica pasmado ante a impotencia de semelhantes espiritos.

Não houve affronta, nem grosseria nem injuria, que não fosse arrojada a um dos maiores homens que Portugal tem tido.

Tal poeta tomando o pezo ao marquez de Pombal, descobriu que nem uma onça lhe faltava para ser o mais feroz dos brutos da terra; e escreveu:

«Teve unhas de tigre e onça,
«Garras mais que de leão,
«Tudo o mais á proporção
«Sem lhe faltar uma onça.»

Outro chamava-lhe ladrão, impio, e até, o mais asno da famosa pleiade lhe chamou tolo!

Copiaremos dous sonetos tirados d'um centuria d'elles.

O imaginoso poeta finge um requerimento do marquez pedindo ao diabo um emprego no inferno, e a resposta d'este:

«Diz Sebastião Jose de Carvalho
«Grão marquez que tem sido do Pombal
«Que regeu, governou a Portugal
«Com zelo, com fervor, e com trabalho.

«E como o supplicante vive falho
«Do serviço da cõrte, e poder real,
«Quer se lhe dê decreto especial,
«Para no Inferno viver com agazalho.

«Mas visto o illustre Pedro Lusitano
«Se a unha deita ao requerente, ou o vê
«Maior inferno tem e maior dano,

«Por isso pede e roga se lhe dê
«Entrada antes d'abril, com desengano
«No inferno—

E R. M.^{ce}

«Não ha que deferir Senhor marquez
«Vossencia no inferno é mui capaz
«Virar tudo de diante para traz,
«Primeiro que d'Abril se acabe o mez.

«Ande lá pelo reino portuguez,
«Não me venha tirar de capataz.
«Coitadinho de mim, se cá me fás
«As mesmas trampolinas que lá fez.

Eu quero ser senhor do meu nariz,
«Se entra cá não direi mais chus, nem bus,
«Deitado para ahi como aprendiz.

«E posto que o diabo não tem cruz
«Se quer que defira ao que me diz,
«Mais fácil me será dizer—Jesus!

Braga

FERNANDO CASTIÇO.

DOLORES

(Continuação)

XIX

No dia seguinte, ao romper d'alva, atravessava eu o Minho em direcção a Caminha. Não desfitava os olhos da terra, onde dois lenços brancos se agitavam convulsamente.

Em Portugal affigurava-se-me tudo no-

vo e sombrio! Tão bella me parecera Caminha com as suas casas caídas e as suas ruas amplas e limpas, quando por alli passára, havia quinze dias, tão triste agora!

Chegado a Vianna, encerrei-me em casa por muitos dias lendo teimosa e affincadamente. Se alguns momentos sahia, era para ir passeiar á beira do Oceano. Os olhos volviam-se-me involuntariamente para o norte, procurando descobrir entre o nevoeiro do horisonte a montanha de Santa Tecla.

Eu bem sabia que me escreveriam. Era porém minha intenção responder, mas demorar as minhas cartas o mais que podesse. As nossas relações ir-se-hiam esfriando e, quem sabe? talvez com o tempo *ella*, se esquecesse de mim. A razão ordenava-me que o desejasse, o coração... não podia supportar essa ideia sem gemer!

Era tempo de ir ao correio. Eu pedira que me escrevessem com a indicação de *poste-restante*. Fui. Havia uma carta unica, breve e triste. Dolores, em nome do pae, queixava-se do meu silencio. Dizia que estavam com muito cuidado em mim, e que todos os dias mandavam vir os jornaes portuguezes, para ver se me tinha accoetecido algum desastre. Que lhes escrevesse para os tranquillisar.

Havia uma unica linha, isolada no fim da carta, escripta evidentemente depois de lidas as outras a D. Garcia. Via-se que a mão de Dolores tremera ao traçal-a. Dizia:

«Esqueceu-se de mim já?»

Respondi n'aquelle mesmo dia, agradecendo em calorosas phrases os muitos obsequios que devia á familia. Não tinha escripto por andar occupado com diversos e momentosos negocios. Mentia ainda...

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto segundo

I

Sobre as vagas d'Hellé os ventos rugem
Como se fora a noite borrascosa,
Em que Amor se esqueceu livrar de p'rigo

O joven bello e nadador intrépido,
 Que elle partir fizera e que era a unica
 Viva esperanza da filha de Sestos!
 Oh! quando viu accezo no horisonte
 Sobre a torre d'amante o pharol rúbido,
 Em balde o vento que soprava rijo,
 Em balde os gritos d'aves aquaticas
 E a espuma dos cachopos o movessem
 A ficar; e debalde—em cima—as nuvens,
 E—em baixo—as vagas a partir obstassem,
 Tão cego e surdo foi a taes ameaças,
 Que esse fanal d'amor sómente vira
 Como isolada estrella em ceu escuro,
 E só d'amada querida ouvira os cantos:—

«Não separeis, ó vagas, por mais tempo
 «Dois corações que vivem um do outro!
 Esta historia é já velha, mas ha ainda (*)
 Vigosos corações aos quaes o affecto
 Igual dedicação inspiraria!

QUATRO POEMAS HEROE-COMICOS

Em 1868, começou em Barcellos o Dr. Rodrigo Velloso, na typographia da AURORA DO CAVADO, a reproduzir a serie dos nossos *poemas heroe-comicos*, editando-os no formato do nosso 8.º usual.

Eleganciou no entanto este formato, adaptando-o um pouco ao nosso 12.º esguio.

Deu o illustrado editor a preferencia, como não podia deixar de dar, ao *Hyssope* do Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva: mas não veio a concluir a edição d'este poema, senão no decurso do anno de 1876.

A edição do *Reino da Estupidez*, do Dr. Francisco de Mello Franco, deu-a á luz o Dr. Velloso no mesmo anno de 1868.

A *Agostinheida* de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, e a *Benteida* d'Alexandre Antonio de Lima, reproduziu-as ambas o illustrado editor no anno de 1876.

Precedeu o Dr. Velloso, a cada um d'estes poemas, de noticias biographicas dos respectivos auctores: e no *Hyssope*, de copiosas illucidações no fim do volume.

Não se lisongea o nosso cultor das letras, como escriptor consciencioso, de lhe sahirem do prelo esmeradas as suas quatro edições.

As delongas da impressão; e as occupações que n'esses intervallos o assaltaram; deram aso a escaparem-lhe algumas incorrecções, e a vêr-se forçado ao emprêgo de papel desigual n'um mesmo volume.

(*) Hero e Leandro.

E' certo no entanto, que o Dr. Rodrigo Velloso—biblióphilo d'aturada lição, e escriptor de reconhecido merito—acaba de prestar ás letras portuguezas um serviço de valia.

Este editor illustrado, prepara-se para nos dar o *Monoclea* e o *Foguetário*, editando ambos estes poemas com illucidações opportunas, e na lição mais completa d'um e outro:—e continuará depois com os outros mais poemas congéneres.

Fazemos votos sinceros, em honra das letras patrias, para que não cance n'esta empreza o nosso escriptor barcellense, aureolando assim cada vez mais o renome que o illustra.

Braga.

PEREIRA-CALDAS

AS VICTIMAS

(A DIAS FREITAS)

Eu era triste e só no seio da montanha.
 Minh'alma, abandonava ás sensações chyméricas,
 E os tristes cantos meus, nuncios de dor tamanha,
 Levava'ao pôr do sol não sei que luz estranha
 Aos antros da Miseria e ás Venus cadavericas.

Eu era triste e só como um archanjo pallido
 Que *alguem* abandonava em rude lupanar...
 É lastimava o mundo; aquelle mundo invalido,
 Que soffre a hipocondria, immensamente esqualido
 Buscando no suicidio o fim do seu penar.

Oh! quanta vez senti que o bom positivismo
 Me descobria o veio de cousas ignoradas...
 E eu só como o sorrir do *santo* fanatismo,
 E triste como a fauce enorme d'um abysmo
 Que os vermes alimenta em sordidas camadas.

Um dia fui deitar-me á beira d'uma estrada.
 Soava a meia noute em velha cathedral,
 E o vento repetindo a rude gargalhada,
 Levava pelo espaço a extrema badalada
 Que aos vivos recordava um cantico do Mal!

Distante se elevava a nova Babylonia
 Immersa nos festins dos lubricos negreiros,
 Que espalham nos salões as aguas de colonia,
 Para á noute acolher, cheios de vinho e insomnia,
 As torpes barregãs de immundos paradeiros...

Festins de Balthasar que as sãs philosophias
 Atiram para a valla onde entram podridões...
 E o povo, o eterno párea, aos pés das monarchias!
 E vós, ó Danieis das biblicas orgias,
 Passaes, abandonando as velhas tradicções!...

Aquelle som febril das valsas doudejantes
Fizeram-me dormir... Eu vi depois, em sonhos
A lua diffundindo uns raios vacillantes,
Por sobre craneos mil d'espectros ambulantes,
De párias sociaes, anemicos, medonhos.

Primeiro vi passar, de volta d'uma orgia,
A gasta Messalina, a musa dos bordeis,
Trazendo a languidez da lubrica magia...
Seguia-a de vagar a douda fidalguia,
Olhando-me orgulhosa, altiva como os reis.

Depois... depois... que horror! as mães c'o as
loiras filhas
—Fornarinas venaes dos torpes lupanares—
Levando-as sem pudor aos fossos das bastilhas,
Aonde um Juan Tenorio espera maravilhas,
E philtros sensuaes em troca d'uns collares...

Cantando a Marselhesa, a voz dos proletarios,
O cantico do povo, a aurora do amanhã,
Passarem tambem vi—alguns octogenarios—
Os filhos do Infortunio, os pobres operarios,
Aos quaes se nega o pão, e a caridade é vã.

Regressavam da lida, arrecadando a feria
Das semanas de inverno, agrestes, procellosas
E tinham no olhar baço uns vizos da Miseria,
Tristes como o luar, que na amplidão sidérea
Vae descerrando o veo das noutes nebulosas.

De fórmas colossaes, rachiticas, athleticas,
Coberto de europeis, o pobre e velho histrião
Que mostra ás multidões creanças epilecticas,
Forçadas a aprender gymnasticas patheticas
E danças bestiaes, para ganharem pão;

Tendo um sorriso alvar nos labios, caminhava
Tambem na procissão das victimas da sorte:
E o dorso d'um sagui a espaços afagava,
Emquanto ao lado seu, doente, o acompanhava
A suja, desdentada e pallida consorte.

Seguiam-se depois, c'o as fardas desbotadas
E os peitos seminus, aquelles bons heroes,
Que tingem com seu sangue o chão das esplanadas
So tendo como premio... as vallas infectadas...
Por funebre sudario uns humidos lençoes l..

Eu vi tambem gentis e louras costureiras
—Ophelias triviaes, Julietas das esquinas—
Mostrando á sociedade as lividas olheiras,
Producto do trabalho, apoz noutes inteiras,
Passadas a cozêr velludos e lustrinas.

Pararam de repente, olhando p'ras janellas
D'um gotico solar, aonde a bacchanal
Dos Cresos confundia as lucidas baixellas,
E os limpidos crystaes, e o fausto d'essas bellas
Que trazem a consciencia elastica, venal.

Pararam de repente... Eu vi-as contristadas
Invejando, quem sabe! aquellas tentadoras

Rainhas de festim, que alegres, animadas,
Mostravam aos *leões* riquezas perfumadas
Que fazem desiguaes mulheres... e senhoras.

Julguei depois ouvir uns lugubres rumôres...
Olhei para o Occidente, e vi passando então
Dos maus leviathãs os tristes luctadores,
As victimas do oceano, uns pobres pescadores,
Levando um negro esquife e n'elle um seu irmão.

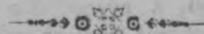
E não findava ainda o funebre cortejo
Da livida Miseria, afeita a immensa dôr,
Quando senti na face o morno e doce beijo
D'aurora que raiava ao som d'intimo harpejo
Que as almas arrebatava aos páramos do amôr.

Tinha acordado. Ao longe, a *baixa* sociedade
Ligeira atravessava as praças e mercados.
Alguem pedia a medo o pão da caridade,
E nos *coupés*, do baile, as damas da cidade
Voltavam c'os pulmões doentes e caçados.

Então considere; dos meus sinistros sonhos
As tristes, ideaes e pallidas visões,
Um dia hão de calcar os despotas medonhos,
Que tentam empecer, sorberbos e risonhos,
O carro do Progresso ás novas gerações.

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO



EPISODIOS

(A Dias Freitas)

Meu velho amigo.

Lembra-se ainda do tempo, em que nós
timidamente nos ensaiavamos nas columnas
do *Favorito*?

Ja decorreu um bom par de annos; mas
a recordação d'aquella epoca feliz,—quan-
do ainda nos sentavamos nos bancos escho-
laes—vive ainda, e viverá sempre em nos-
sa alma.

Revolvendo, ha dias, a minha papelada,
encontrei o escripto que vae ler, e que lhe
offereço.

E' um dos meus entretenimentos litte-
rarios de então, que so tem o merito de me
revocar á memoria lembranças gratissimas
do nosso condiscipulado.

Peça a indulgencia dos leitores da nos-
sa *Borboleta* para estes *episodios*, e creia-me

Amigo certo—*Magalhães Junior.*

I

Leitor, como a tarde está linda, acompa-
nhe-me a um curto passeio; que eu affianço-
lhe que não se ha-de arrepender.

Pois que estranha graça tem o estar ahí a parolar, encostado a uma columna da Arcada, quando tão pouco dista d'aquí até S. João da Ponte...

E' justamente até S. João da Ponte que eu desejo que o leitor me encante com a sua peregrina conversação..

E' um sitio formoso entre os mais formosos desta imponente rainha do Minho.

Por sobre o manso rio, que se desliza a través do pedregulho, eleva-se a linda ponte de cantaria formada d'um só arco, e que é a primeira que se encontra na estrada de Braga a Guimarães

A' direita ergue-se uma cruz de granito, que dá ingresso a um bem construido quadrilátero igualmente de pedra granitoide.

No seguimento da estrada e á esquerda, veem-se disseminadas aqui e ali varias casas pobres na apparencia mas caiadas com esmero e acio. Pela parte superior da estrada fica sobranceiro o Picoto, monte assim chamado, porque acaba n'um pico onde a piedade christã fez collocar uma cruz.

Não é raro em Braga vêr-se a cada passo esta especie de monumentos. Não ha praça principal onde não esteja erigida a cruz archiepiscopal, a cruz dos Bartholomeus. E' um testemunho da religiosidade d'este bom povo, e um incitamento á devoção.

Do cimo do monte descobre-se um panorama arrebatador. No fundo o Deste corre por entre campos viçosissimos.

Mais alem a extensa rua da Ponte, com as suas casas alinhadas, e de vistosa apparencia; ao diante, e d'um e outro lado, Braga com todos os seus passeios, torres, e edificios, como que naturalmente apinhados.

Ao longe, semi-oculto pela nevoa, avista-se o Sanctuario do Bom Jesus, um dos monumentos mais celebres de Portugal.

No sobpé ergue-se a capellinha de S. João a que dá ingresso, da parte do rio, uma escadaria perfeitamente lançada. Segue-se a alameda na frente e aos lados, e na parte posterior o jardim, pertencente ao templo.

MAGALHÃES JUNIOR

CANÇÃO...

Musa, querida musa, vem, não fujas,
Desce lá do Parnaso;
Mas lava bem as mãos, se as tens sujas,
Que assim o pede o caso:

Quero 'nellas depôr, cantado em verso,
Coisa muito maior do que o Universo!...

Já te vejo, deidade, já te abraço;
E vou dizer-te o assumpto:
Eu não canto d'Encélado o cachaço,
Nem herculeo presunto...
Gigantes não são nada ao pé d'aquelle,
Que pretendo cantar, gigante é elle!...

Não quero conservar-te mais attenta
Acerca da empreza:
E'um nariz, do qual 'numa só venta
Mettida a Natureza,
Ficava ainda espaço, onde coubesse
Outra Terra, outro Céu, e mais que houvesse..

Se, nos tempos antigos do Diluvio,
Um tal nariz houvera,
Julgal-o-iam todos um efflúvio,
Que por elle correrá;
Que, não havendo lenço tão comprido,
Se teria na Terra diffundido.

Mas Deus, que prometteu no Ararat
Livrar-nos de segundo,
Que ao povo d'Israel deu o maná,
Ao paladar jucundo,
Prohibiu que em nariz d'esse tamanho,
Por compaixão de nós, houvesse ra...

Se Moysés, como tu,—monstro biforme!—
Quando sabiu do Egypto,
Tivesse uma tão rara tromba enorme,
Não teriam escripto
Que as aguas do Vermelho se arredaram,
Mas que um grande nariz lhe atravessaram.

Se Napoleão tivera em Waterlôo
O nariz tão comprido,
Fugiriam as *aguas* já sem vôo;
Porque ao nariz subido
Teria toda a tropa, e n'uma venta
Ficaria das balas toda isenta.

Se, na guerra da Prussia com a França,
Os de Pariz tivessem
O teu nariz immenso, p'ra a mudança
De tudo que quizessem,
Era inutil balão ou viaductos,
Pondo o nariz por cima dos reductos:

Aos de Sedan lá fôra dirigida
Dos muros de Pariz
A ponta d'essa coisa tão comprida,
Que tu chamas nariz;
E o exercito, alli todo cercado,
Por dentro do nariz tinha escapado.

Se algum dia Alto Nume se irritasse,
E quizesse matar-nos,
Bastava que o nariz teu arrancasse,
P'ra com elle esmagar-nos;

Porque, da mão do Immenso despenhado,
Ficava todo o Mundo esborrachado.

Teu grande auxilio, ó musa, me penhora...
E podes ir-te embora.

E tu, canção, veloz procura a Fama,
E se acaso dormir, acorda-a, chama-a.

Figueira da Foz.

JOSE D'ORNELLAS

A'S HORAS MORTAS DA NOITE

(ROMANCE)

(Offerecido a Joaquim Januario da Silva)

(Continuação do n.º 14.)

I

Os sinos do presbyterio repicavam festivos, milhares de foguetes estallejavam nos ares, e uma banda de musica espalhava sons accordes, que vinham ondulado morosos pelas veigas aloiradas.

E' que o dia 21 d'agosto de 1870, era dia de festa para a aldeia.

No adro da egreja, o povo acotovelava-se apinhado.

Era de ver aquellas aldeãs frescas e bonitas, pavoneando o seu fato domingueiro, com a dextra arqueada na ilharga, e com a outra mão amarrotando um lençinho muito branco, muito engomado, muito rendilhado, deixando entrever umas desmedidas e amorosas quadrinhas bordadas a retroz preto.

Pela sua vez os moços, ossudos e robustos, com a jaqueta pelos hombros e a classica faxa enrolando a cintura, ora firmavam no solo um argolado varapau, ora o vergavam caprichosos, torcendo-se flexivelmente enquanto conversavam as rechonchudas raparigas.

Todos dialogavam alegres d'essa alegria doida e isenta que rejeita as apprehensões, os cuidados, os receios do — amanhã: apenas um mancebo, cuja fisionomia e trage fariam suspeitar uma *extracção* mais subida, — segundo a podriissima hierarchia social, — e que está sentado no paredão que mura o adro pela parte do sul, parece alheio a esse contentamento tão pronunciado, e tão verdadeiro.

—Então, snr. Eduardo, sempre triste-nho! E' necessario espaiçecer. Eu bem sei que as festas d'aldeia o não divertem... Mas veja que alegria vae n'essa gente?

Estas palavras foram proferidas por um homem de avançada idade, mas ainda ro-

busto, que foi sentar-se junto ao mancebo, cujo nome o leitor já ouviu.

Eduardo apenas meneiou levemente a cabeça, e nada respondeu.

—O menino —prosegiu o recém-chegado — é melhor ir passar alguns dias á cidade. La foi, se pode dizer, creado, e ha de estar afeito áquella vida; porisso aborrece-lhe a aldeia, e com razão.

—Não, Manoel, — disse Eduardo dirigindo-se ao velho — não me enfada a aldeia. Bem pelo contrario. O que me aborrece é a vida, quer da cidade, quer do campo.

—Como o menino falla!... Que eu tenha estranhado o seu modo de viver, la isso é verdade. A's vezes diz-me a Josefa: que terá o snr. Eduardo! Foi sempre tão folgassão e airoso; mas ha alguns tempos para cá, anda assim tão triste... Aquillo ha de ser doença.

—Talvez! — obtemperou Eduardo, intencionalmente.

—Pois é verdade: ella tem-me fallado muitas vezes do menino. Ainda hontem, quando o snr. fidalgo andava a passeiar com a snr.^a D. Laurinha, a minha Josefa disse-me que o menino tem emagrecido muito,... e tem, tem; agora é que eu vejo.

—Não é nada — disse Eduardo, sorrindo tristemente.

—Deus queira que assim seja. Mas o menino não audava assim, se não tivesse alguma coisa que o afflije.

—Não te dê cuidado: Manoel. Dize-me: sabes se o meu compadre da Herdade vae melhor?

—Venho de lá agora mesmo, e achei-o bastante mal: aquillo mais dia, menos dia não escapa. E que pena eu tenho d'aquella menina, que vae ficar ao Deus dará, sem um arrimo, sem amparo! Como ella teve uma educação tão linda, muito lhe ha de custar afazer-se ao trabalho da lavoira.

—Alguem a receberá em sua casa. O doutor já fez hoje a *costumada* visita?

—Estava lá, quando eu cheguei, mas parecia não andar contente... Agora dê-me licença, que vou resar a N. Senhora. Ainda não foi á egreja? Olhe que está muito aceiada... os homens são briosos...

—Hei-de ir logo... Olha, quando a minha familia sair, dize-lhe que não espere por mim.

E Eduardo seguiu por um caminho estreito, que conduzia á Herdade.

(Continua)